

A verdade sobre a guerra de libertação em Moçambique (II)

Frelimo recebeu 48 aviões «Mig's 21» faz guerra química e mata cooperantes

ODIA

27/12
84

p. 13-14

Na primeira parte desta entrevista, publicada na última edição de «O DIA», Evo Fernandes, secretário-geral da Renamo, explicou o quadro cultural e religioso existente no seu país (muçulmanos, cristãos e animistas), a actual situação económica e a corrupção resultante da ajuda alimentar do Ocidente, os princípios ideológicos que norteiam a Resistência (braço armado da revolta popular) e a divisão territorial político-militar em três zonas.

Sobre este último ponto, Evo Fernandes falou de zonas libertadas e zonas controladas. Vamos iniciar a segunda e última parte desta entrevista com as zonas de guerra. No mapa que hoje ilustra o texto estão marcadas as referidas três zonas. Pela sua análise, e sabendo-se a forte implantação no terreno da Renamo, conclui-se que o governo de Maputo não tem qualquer futuro. É preciso que as potências ocidentais entendam isso. Especialmente que a própria África do Sul entenda isso.

Com efeito, qualquer investimento estrangeiro de grande envergadura em Moçambique ou quaisquer negociações bilaterais com Maputo, marginalizando a Renamo, estão condenados ao fracasso. Porque a Frelimo já não controla o país, apesar de todas as ajudas externas.

«Objectivamente, como facto concreto» — informou-nos Evo Fernandes — «as linhas férreas Maputo - Zimbabwé (antiga Rodésia), Beira - Zimbabwé e a estrada Zimbabwé - Majáwi são defendidas por cinco mil soldados zimbabwianos e sete mil soldados tanzanianos. Como cérebros e quadros militares, a Frelimo dispõe de cerca de mil cubanos, 850 conselheiros soviéticos, 80 conselheiros norte-coreanos e 120 alemães do Leste».

«Que legitimidade tem um governo e um regime», pergunta o secretário-geral da Renamo, «que é suposto governar sobre dez milhões de habitantes mas que precisa de internacionalizar a sua segurança?».

«Só que o povo não está nem com o regime nem com o governo. Se estivesse, a Renamo não podia existir. E é isto que Pretória deve entender em definitivo. O braço armado do nosso povo, os nossos guerrilheiros, são todos moçambicanos. Não

queremos nem temos necessidade de internacionalizar as nossas forças, nem precisamos de bases no estrangeiro».

«É às vias de comunicação que citei, centros urbanos e suas áreas periféricas que chamamos zonas de guerra», especificou Evo Fernandes, «porque são as únicas que justificam essa designação. Os soldados da Frelimo recusam-se a combater no mato e os seus comandantes não os obrigam a isso porque, uma vez no mato, podem ser abatidos pelos seus próprios homens, o que tem acontecido frequentemente».

«Depois de abaterem os comandantes, os soldados desertam. Nem todos se entregam necessariamente à Renamo: alguns organizam-se em grupos marginais armados, fazendo pilhagens e assaltos, tornando-se ladrões e assassinos. Mas penso que as convulsões e traumatismos sociais decorrentes de uma guerra de libertação, provocam sem e estes fenómenos», constatou Evo Fernandes, prosseguindo a sua dissertação para explicar aos portugueses o que de facto se passa em Moçambique.

«POTENCIAL MILITAR NÃO FALTA À FRELIMO»

«Este ano a Frelimo recebeu 48 aviões «Mig's 21» com os



Afonso Dhlakama, presidente da Resistência Nacional de Moçambique e comandante-em-chefe das Forças Armadas da Renamo, grande estratega de guerrilha que conseguiu ter hoje Maputo praticamente cercada. Com a cruz de Cristo ao peito, Dhlakama é considerado um homem moderado e inteligente, com condições para se tornar um dos maiores líderes africanos da actual geração

respectivos pilotos e técnicos de assistência soviéticos, e dois aviões-espiões, também com tripulações soviéticas, aviões dotados de alta tecnologia electrónica que nem a África do Sul possui».

«Trata-se de aparelhos muito mais avançados do que os célebres «U-2» americanos que eram capazes de fotografar o solo a partir de grandes altitudes. Através de sofisticada apa-

relhagem electrónica, estes dois aviões fornecidos pela Rússia à Frelimo, podem detectar qualquer movimentação bélica no solo. Em gíria militar são conhecidos por aviões electrónicos».

Evo Fernandes vive exclusivamente para a sua Pátria e para a sua guerra de libertação, e não quer imiscuir-se em outras áreas mundiais de conflito. Mas é o jornalista que tem obrigação

de recordar os leitores que, há bem pouco tempo, os Estados Unidos enviaram uma esquadra para as águas fronteiriças da Nicarágua com o objectivo de impedir a entrega a este país de «Mig's 21» soviéticos. É estranho que a África do Sul não se sinta preocupada com esta força aérea (tripulada por russos) a poucos quilómetros das suas fronteiras. Mas é de admitir que alguns estrategas de Pretória pensem que havendo uma cintura pró-soviética em volta do seu país, possam cativar a simpatia e o apoio ocidentais, e manter, assim, a sua política racial interna. Estratégias que ultrapassam o bom senso e a lógica... mas que existem.

Além desta força aérea que a própria Frelimo não controla pois não tem técnicos para tal, Maputo — esclarece Evo Fernandes — «recebe regularmente, em aviões-cargueiros «Antonov», vindos da Tanzânia, grandes quantidades de material bélico, como blindados, helicópteros e artilharia pesada. Potencial militar não falta à Frelimo. O que lhe falta», sublinha o secretário-geral da RNM, «é capacidade humana».

«As chamadas Forças Armadas da Frelimo são uma ficção e os próprios serviços secretos de Maputo calculam em vinte por cento a percentagem de soldados que desertariam no primeiro dia de assalto à capital».

Através de documentos a que «O DIA» teve acesso, o jornalista facilmente se apercebeu que a Renamo conta com informadores, tanto na área do Comité Central como em muitos comandantes das Forças Armadas frelimistas.

«Apesar deste potencial bélico» — prosseguiu Evo Fernandes — «a Frelimo perdeu a ini-

Continua na pág. 14

ENTREVISTA COM EVO FERNANDES

Em breve Maputo estará completamente cercada

Continuação da pág. 13

ciativa. Não demonstra qualquer capacidade ofensiva. Estão fortemente concentrados nos centros urbanos, em estratégia defensiva e procuram proteger as vias de comunicação, as quais são constantemente atacadas pela Renamo. É aqui que surge o problema dos cooperantes estrangeiros».

FRELIMO MATA COOPERANTES

«Maputo, na sua propaganda internacional, acusa-nos de atacar os cooperantes, especialmente os portugueses. É rigorosamente mentira. A Renamo ataca as vias de comunicação ou armadilha, com minas, determinadas passagens dessas vias. Não fazemos a menor ideia de quem vai dentro das colunas sob forte escolta militar da Frelimo ou quem faz explodir uma mina», explica Evo Fernandes.

«A este propósito temos anunciado repetidas vezes que Moçambique está em estado de guerra e que os cooperantes são, assim, responsáveis por si próprios. Sabemos que todos os governantes estrangeiros elaboraram planos de evacuação de emergência para os seus cooperantes nacionais, mas o governo português ainda não o fez. Nem sequer está previsto um seguro de vida para os cooperantes portugueses».

«Temos grandes afinidades históricas e sentimentais com os portugueses, mas não podemos saber quem pisa uma mina ou está dentro de um objectivo físico que consideramos estratégico ou militar».

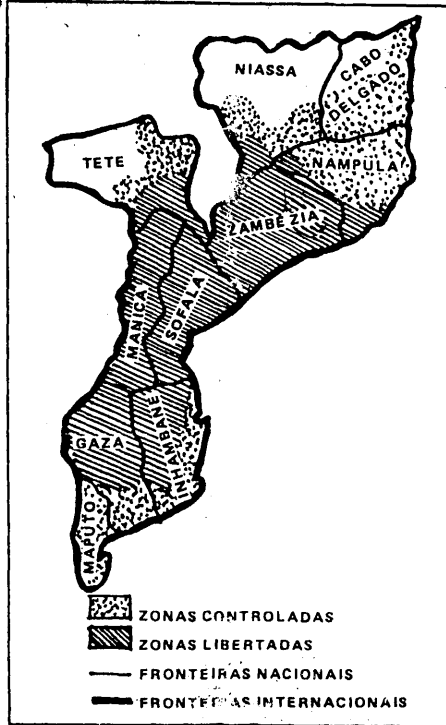
«De resto» — continuou Evo Fernandes — «é a própria Frelimo, através dos seus grupos especiais, que manda matar os cooperantes numa vã tentativa de provocar a antipatia internacional pela Renamo».

«O caso mais evidente desta tenebrosa tática da Frelimo foi o de dois cooperantes italianos que foram dados como desaparecidos em Setembro último. Em 6 de Outubro, o ministro da Segurança da Frelimo, Sérgio Vieira, declarou publicamente e informou o governo italiano que os dois cooperantes haviam sido capturados pela Renamo e degolados».

«Imediatamente exigimos a Maputo que autorizasse o governo italiano a fazer um inquérito e colocámo-nos à disposição das autoridades italianas para que interrogassem e procedessem às investigações necessárias onde quisessem, nomeadamente na área indicada por Sérgio Vieira. Maputo recusou. Perante a insistência de Roma e a nossa disponibilidade em ajudar o governo italiano, a Frelimo apresentou primeiro um cadáver de um italiano... morto a tiro (não degolado) e, posteriormente, um outro cadáver, só que este não era de um italiano. O governo de Roma apresentou então um protesto formal ao governo de Maputo, reconhecendo que não tinha sido a Renamo».

«Este recurso a uma propaganda desesperada faz parte de uma Frelimo, ela própria desesperada por apenas controlar os grandes centros urbanos e as vias de comunicação para o exterior. Em Maputo não existe um governo nacional: é um governo de ocupação que ainda resiste, unicamente porque recebe grandes apoios militares da Rússia, de Cuba, da Alemanha Oriental, da Tanzânia e do Zimbabwé. É um governo de ocupação que não hesita em recorrer à guerra química. Durante as secas, a Frelimo mandou envenenar os poços de água nas zonas controladas (não nas zonas libertadas, onde já não penetra). É preciso que o mundo saiba isto», concluiu Evo Fernandes.

A propósito de apoios militares, perguntámos ao secretário-geral da Renamo se esta estava isolada ou se tinha igualmente apoios externos. Evo Fernandes sublinhou que «um movimento de libertação que defende os Direitos do Homem e as liberdades fundamentais dos cidadãos, e que luta contra um regime totalitário e desumano como o da Frelimo, desencana, naturalmente, a simpatia de muitos países que seguem os mesmos princípios pelos quais combatemos».



Um grupo de guerrilheiros da Renamo (Resistência Nacional de Moçambique) depois de um ataque a um posto militar da Frelimo onde se apoderaram de muitas minas e calças de explosivos

«Daí que» — acrescentou — «a Renamo tenha o apoio de alguns países que evidentemente não posso identificar. Mas esse apoio é sobretudo moral e diplomático, o que nos tem ajudado a incrementar, alargar e intensificar a nossa luta. No entanto a maior parte do armamento que utilizamos é capturado às tropas da Frelimo. A guerra já dura há vários anos, o que deu tempo a obter do inimigo grandes quantidades de material bélico. Hoje temos mais de vinte mil soldados bem armados. Mas, como já lhe disse, a Renamo é o braço armado do povo. A nossa grande força vem do povo, o que

nos outorga, também, a legitimidade. Temos pelo nosso lado a legitimidade contra a «legalidade» ilegítima de Maputo. A lei tem de ser legítima para poder ser acatada».

«É isto que as potências ocidentais e especialmente a África do Sul têm de entender. Nada resultará em Moçambique sem a participação da Renamo», afirmou Evo Fernandes, acrescentando: «Não recebemos qualquer apoio militar da África do Sul. Após os Acordos de Incomati entre Pretória e Maputo foi criada uma Comissão Militar mista para fiscalizar as fronteiras. Os próprios Samora Ma-

chel e Jacinto Veloso reconheceram que, até agora, nenhum material bélico passou as fronteiras».

FEROZ LUTA PELO PODER ENTRE MACHEL E GUEBUZA

Dissemos a Evo Fernandes que a Frelimo acusa a Renamo de ser uma organização comandada por brancos.

O secretário-geral da RNM sorriu e disse que «a propaganda da Frelimo já não mede as palavras», e esclareceu que «mais de 45 por cento dos membros do Bureau Político do Comité Central, deste próprio e

do governo de Maputo não são negros».

«Para nós, Renamo, moçambicanos são todos os que nasceram em Moçambique», adiantou. «Veja o caso de Jacinto Veloso, membro do Bureau Político do Comité Central, ministro da Presidência e representante de Samora Machel nos Acordos de Incomati: é branco e nasceu em Portugal, exactamente em Santa Comba Dão».

«Afonso Dhlakama, presidente da Resistência Nacional de Moçambique e comandante-em-chefe das Forças Armadas da Renamo é negro e é um homem que irá surpreender os estadistas mundiais. Ele próprio tem alma de estadista. Moderado, ponderado e inteligente, virá a ser um dos líderes africanos mais importantes da nossa geração».

«Ainda a propósito dos moçambicanos, brancos ou não, que vieram para Portugal» — continuou Evo Fernandes — «Machel afirmou ao presidente Ramalho Eanes e ao ex-Primeiro-Ministro Pinto Balsemão que desejava o regresso à

das aos grandes centros, suas áreas periféricas e vias de comunicação para o exterior».

«Maputo é, portanto, uma zona de guerra. Aproveito a oportunidade para alertar o Governo português que é impossível assumirmos a responsabilidade da segurança dos cooperantes portugueses. Maputo está praticamente cercada pelas forças da Renamo e todas as noites há tiroio nos bairros periféricos. Toda a gente sabe. Os diplomatas estrangeiros que costumavam fazer fins-de-semana na Namacha ou na Swazilândia, já não o fazem por estrada. Não há condições de segurança. Sair de Maputo, hoje, obriga a uma forte escolta militar».

«Em breve a capital estará completamente cercada. A corrupção e a luta pelo Poder dentro da Frelimo facilitarão as coisas. No assalto final, sabemos que vamos contar com uma boa parte das próprias tropas da Frelimo. A responsabilidade será dos dirigentes de Maputo que sabotaram as conversações de Pretória. A delegação



Evo Fernandes, secretário-geral da Renamo

Pátria de todos os moçambicanos. Esta declaração foi transmitida pela TV portuguesa em Outubro de 1983. É o único ponto em que estamos de acordo com Samora Machel. No entanto» — acrescentou — «Jacinto Veloso declara repetidamente o contrário, contradizendo Machel».

«Mas não é só entre Samora e Veloso que há divergências. O próprio órgão máximo do regime (Bureau Político do Comité Central) está dividido. Talvez os portugueses nunca tenham ouvido falar de Guebuza, que também é ministro da Presidência. No entanto, a luta pelo Poder entre Guebuza e Machel é implacável. É isto significa que as próprias Forças Armadas estão divididas, pois cada um deles apoia-se em comandantes operacionais. Aliás acontece sempre assim, nos países onde a Rússia coloniza e domina o centro de decisão política. Nesta luta entre Guebuza e Machel, a última palavra caberá aos soviéticos», concluiu Evo Fernandes.

«Já lhe expliquei» — prosseguiu, a terminar, o secretário-geral da Renamo — «que as zonas de guerra estão restringi-

chefeia por Jacinto Veloso fez chantagem, não aceitou nenhuma das nossas propostas apesar de, em dado momento, termos concordado com a continuação de Samora Machel como presidente até à realização de eleições gerais. Abandonámos as negociações também porque, enquanto estas decorriam, a imprensa de Maputo continuava a chamar-nos bandidos armados. Como poderíamos acreditar na boa fé dos enviados de Machel?»

«Após o assalto final a Maputo virá a paz». Evo Fernandes finalizou a entrevista recordando palavras do presidente da Renamo, Afonso Dhlakama:

«A paz não é somente a ausência de guerra. A paz é um conceito ético, político e social que subentende um governo emanado do povo por via de eleições justas, gerais e periódicas, o respeito pelas tradições e História nacionais, a garantia da iniciativa privada e do progresso social, e o reconhecimento dos direitos fundamentais dos cidadãos. Paz significa a reconciliação da família moçambicana. Esta é a paz que queremos, esta é a paz que faremos».